

# Clara dos Anjos

## Lima Barreto

**Profa. Nay**  
Literatura

*Eu não sou nada nesta vida.*

*Protagonista Clara, última parte do livro Clara dos Anjos (1948)*

## Contexto histórico

### **Mundo:**

Ciência, razão, progresso

Positivismo

A Origem das Espécies (Darwin) – ideias evolucionistas

Marx e Engels

### **Brasil:**

Instabilidade política pós-independência

Revoltas internas

Mudanças científicas, sociais, mentais, etc

# Pré-modernismo

- Não é escola literária
- Transição entre Simbolismo e Modernismo
- Ruptura com o academicismo;
- Mistura de estilos
- Exposição da realidade social brasileira;
- Regionalismo e nacionalismo;
- Marginalidade das personagens: o sertanejo, o caipira, o mulato;
- Temas: fatos históricos, políticos, econômicos e sociais.
- Início da consciência crítica

## Contexto histórico:

(Século XX e XIX)  
- 1ª guerra mundial

## Representantes:

Euclides da Cunha  
Graça Aranha  
Lima Barreto

## Autor – Lima Barreto

- Escritor e jornalista brasileiro.
- Publicou romances, sátiras, contos, crônicas
- Publicava em periódicos, revistas populares, etc
- Maior parte da obra é póstuma
- Rompe com o nacionalismo e o ufanismo
- Critica o positivismo
- Temas sociais

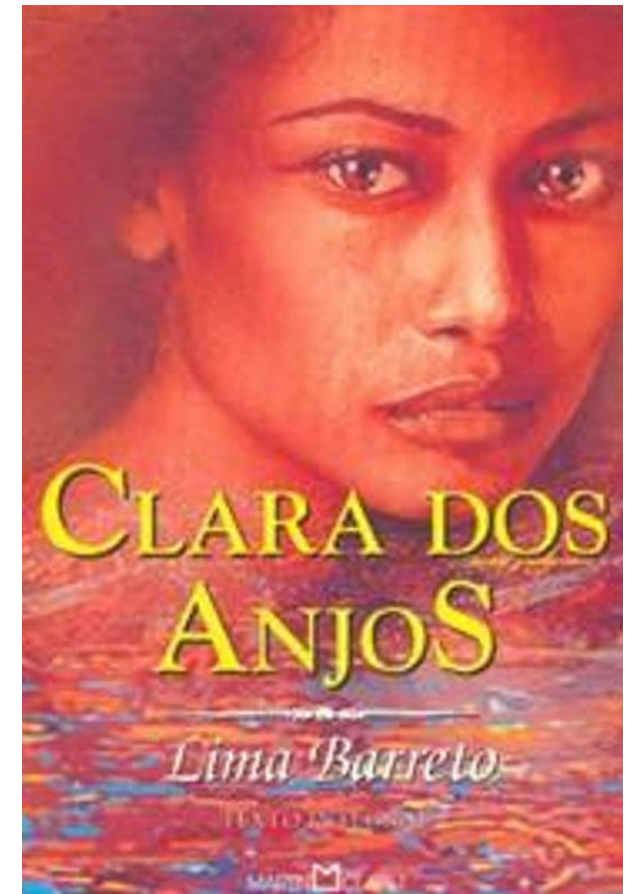
Wikipedia, 2020



Disponível em Wikipedia, 2020

## Ficha técnica

- Primeira versão de 1904, última de dezembro de 1921.
- Publicação em 1948.
- Dez capítulos lineares.



Disponível em editora Martin Claret

# Clara dos Anjos

Protagonista – homônima

“Clara” – na realidade, era **mulata**

“Clara” – **inocente**, branco, pureza

“ dos Anjos ” – **sedução**, pecados, etc

# Temas abordados


Racismo  
Alpinismo social  
Relações por interesse  
Preconceito  
Classes sociais  
Elitismo  
Relações humanas  
Machismo  
Lugar da mulher no século XX



# Narrador

---

- Terceira pessoa
- Narrador onisciente (e participativo)



—Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta... As filhas intervieram:

—Que é isto, mamãe?

A velha continuou:

—Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina — que diria ele, se visse tal vergonha? Qual!


Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu:

—Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas...

# Tempo

---

- Cronológico



—A bênção, meu padrinho; bom dia, seu Lafões.  
Eles respondiam e punham-se a pilheriar com Clara.

Dizia Marramaque:

—Então, minha afilhada, quando se casa?

—Nem penso nisso — respondia ela, fazendo um trejeito faceiro.

—Qual! — observa Lafões. — A menina já tem algum de olho. Olhe, no dia dos seus anos... É verdade, Joaquim: uma coisa.

O carteiro descansou a xícara e perguntou:

—O que é?

—Queria pedir a você autorização para cá trazer, no dia dos anos, aqui da menina, um mestre do violão e da modinha.

Clara não se conteve e perguntou apressada: —Quem é?

Lafões respondeu:

—É o Cassi. A menina...

## Espaço

*A rua em que estava situada a sua casa se desenvolvia no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, autocaminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade.*

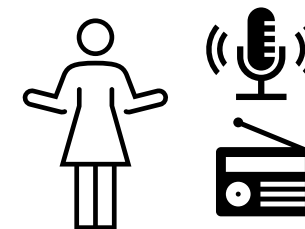
Rio de Janeiro

(início do século XX)

# Personagens

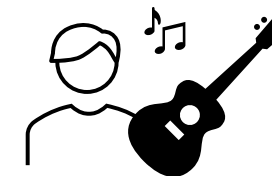
## Clara dos Anjos

Bela moça de 17 anos, mulata, filha única, muito recatada, mora na periferia do RJ, filha de Engrácia e Joaquim.



## Cassi Jones de Azevedo

Jovem boêmio violeiro, mimado pela mãe, irresponsável, inescrupuloso, antagonista do enredo



## Joaquim dos Anjos

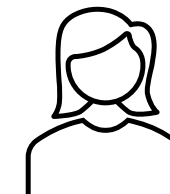
Pai de Clara. Representa as dificuldades do homem brasileiro na época – humilde, bondoso, passivo, guerreiro.



# Personagens

## Salustiana

Mãe de Cassi Jones, vaidosa, protetora, soberba, racista, conivente com os absurdos cometidos por seu filho



## Engrácia

Mãe de Clara, extremamente protetora, preocupada, zelosa, histérica



## Antônio da Silva Marramaque

Padrinho de Clara e amigo da família. Homem bom, honesto, sincero, zeloso com sua afilhada. Apresentava comorbidades.



## Menezes

Dentista falido, conhecido das famílias, ajuda Cassi e Clara numa troca de cartas



## Cassi Jones Azevedo

*retrato de Don Juan malandro*

- Filho de família rica/ PROBLEMAS COM O PAI\*
- Moreno, mas branco
- Extremamente promíscuo
- Tocava violão
- Tinha péssima fama na cidade
- Devasso, criminoso, arteiro
- Deflorou mais de 10 meninas virgens
- Tinha um filho “perdido”
- vivia na edícula da casa paterna

## Clara

*retrato de ingenuidade*

- Filha de família humilde – carteiro e mãe “superprotetora”
- Negra/mulata
- Extremamente ingênua
- Moral e bons costumes
- OBS.: casta, pura, etc



## Descrição de Clara

---

*“Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor.”*

## Enredo


---

- Clara, menina simples e ingênua, morava no subúrbio do RJ e teve educação rígida, hermética. Filha de Engrácia e Joaquim
- Saía apenas com uma vizinha amiga, ocasionalmente
- Era afilhada de Marrameque
- Em sua festa de aniversário, o padrinho convida um violeiro da cidade, famoso por seus causos amorosos, para tocar na festa
- Aos poucos, aproximam-se
- Marrameque avisa sobre a conduta do violadora de Cassi Jones

## Enredo

---

- Cassi morava numa edícula, pois o pai o expulsara de casa, sabendo de sua conduta desonrosa. Jones era protegido pela mãe.
- Após a festa, Cassi e Clara trocam cartas com a ajuda de um amigo da família, dentista falido, Menezes
- Nas cartas, Cassi convence Clara a viver uma noite de amor com ele. Clara fica grávida.
- Cassi foge.
- Clara revela tudo para a mãe.



Clara já estava habituada com a redação e ortografia do seu namorado, mas, apesar de escrever muito melhor, a sua instrução era insuficiente para desprezar um galanteador tão analfabeto. Ainda por cima, a sua fascinação pelo modinheiro e a sua obsessão pelo casamento lhe tiravam toda a capacidade crítica que pudesse ter. A carta produziu o efeito esperado por Júlio. Choro, palpitações, anseios vagos, esperanças nevoentas, vislumbres de céus desconhecidos e encantados – tudo isso aquela carta lhe trouxe, além do halo de dedicação e amor por ela com que Clara fez resplandecer, na imaginação, as pastinhas do violeiro. Daí a dias, fez o prometido, isto é, deixou a janela do quarto aberta para que ele entrasse no aposento. Repetiu a façanha quase todas as noites seguidas, sem que ele se demorasse muito no quarto.

Nos domingos, aparecia, cantava e semelhava que entre ambos não havia nada. Um belo dia, Clara sentiu alguma coisa de estranho no ventre. Comunicou ao namorado. Qual! Não era nada, disse ele. Era, sim; era o filho. Ela chorou, ele acalmou-a, prometendo casamento. O ventre crescia, crescia...



O cantador de modinhas foi fugindo, deixou de aparecer a miúdo; e Clara chorava. Ainda não lhe tinham percebido a gravidez. A mãe, porém, com auxílio de certas intimidades próprias de mãe para filha, desconfiou e pô-la em confissão. Clara não pôde esconder, disse tudo; e aquelas duas humildes mulheres choraram abraçadas diante do irremediável... A filha teve uma ideia:

– Mamãe, antes da senhora dizer a papai, deixa-me ir até à casa dele, para falar com a sua mãe?

A velha meditou e aceitou o alvitre:

– Vai!


Clara vestiu-se rapidamente e foi. Recebida com altanería por uma das filhas, disse que queria falar à mãe de Júlio. Recebeu-a esta rispídamente; mas a rapariga, com toda a coragem e com sangue-frio difícil de crer, confessou-lhe tudo, o seu erro e a sua desdita.

– Mas o que é que você quer que eu faça?

– Que ele se case comigo, fez Clara num só hausto.

– Ora, esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga!

Ora já se viu! Vá!



Clara saiu sem dizer nada, reprimindo as lágrimas, para que na rua não lhe descobrissem a vergonha. Então, ela? Então ela não se podia casar com aquele calaceiro, sem nenhum título, sem nenhuma qualidade superior? Por quê?

Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar à coisa mais simples a que todas as moças aspiram. Para que seriam aqueles cuidados todos de seus pais? Foram inúteis e contraproducentes, pois evitaram que ela conhecesse bem justamente a sua condição e os limites das suas aspirações sentimentais... Voltou para casa depressa. Chegou; o pai ainda não viera.

Foi ao encontro da mãe. Não lhe disse nada; abraçou-a chorando. A mãe também chorou e, quando Clara parou de chorar, entre soluços, disse:

– Mamãe, eu não sou nada nesta vida.